

bénédicte vê o mar

laura erber

editora da casa

ZAZIE  
EDICÕES



*Coordenação editorial*

Carlos Henrique Schroeder

Manoel Ricardo de Lima

*Autoração do arquivo digital*

Vitagraph

*Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica*

Design Editora

*Revisão*

Marcos Leptretinf

*Ilustrações*

Laura Erber

*Comitê editorial*

Carlos Augusto Lima (For, CE)

Davi Pessoa (Fpolis, SC)

Edson Sousa (Porto Alegre, RS)

Eduardo Jorge (BH, MG)

Eduardo Sterzi (Sp, SP)

Fabiana Macchi (Berna, SU)

Franklin Alves Dassie (Niterói, RJ)

Galiciani Neves (For, Ce)

Gonçalo M. Tavares (Lisboa, PT)

Júlia Studart (Fpolis, SC)

Leonardo Gandolfi (Rj, RJ)

Maria Lúcia de Barros (Fpolis, SC)

Maurício Santana Dias (Sp, SP)

Tarso de Melo (Sbc, SP)

ISBN 978-85-8081-002-8

-----  
Erber, Laura

bénédictes vê o mar

Jaraguá do Sul, Santa Catarina: Editora da Casa, 2011.

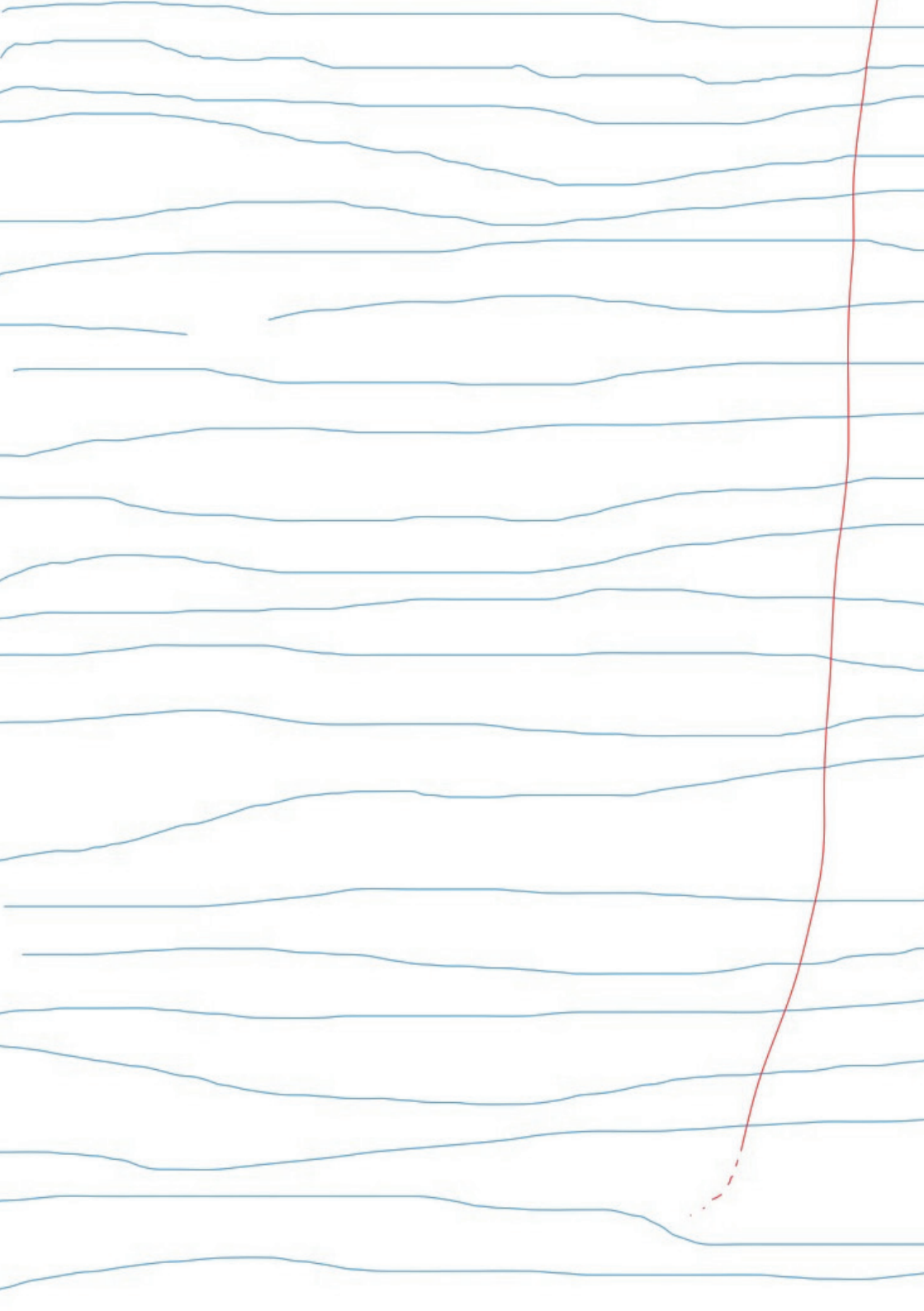
ISBN 978-85-8081-002-8

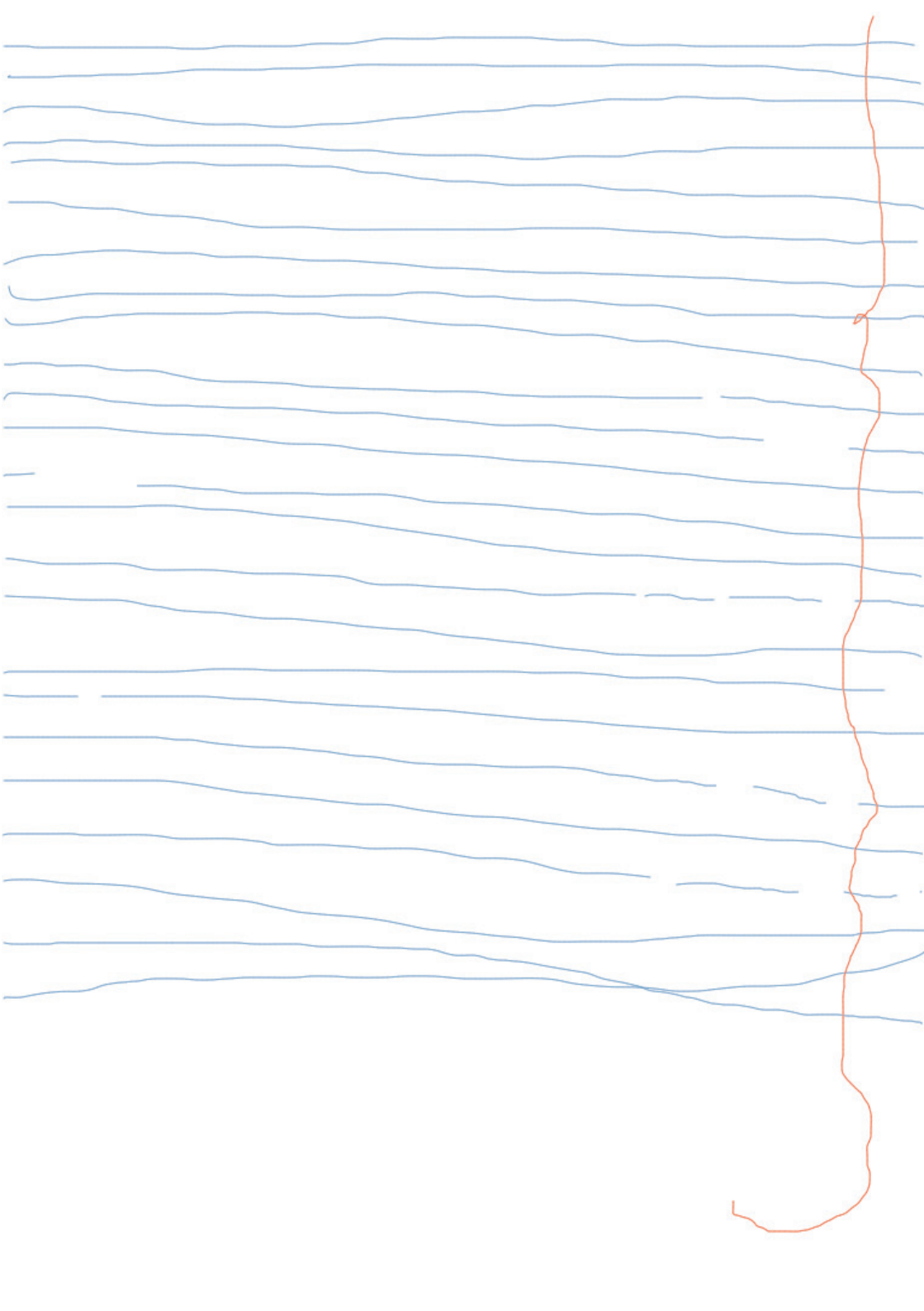
I. Poesia brasileira I. Título

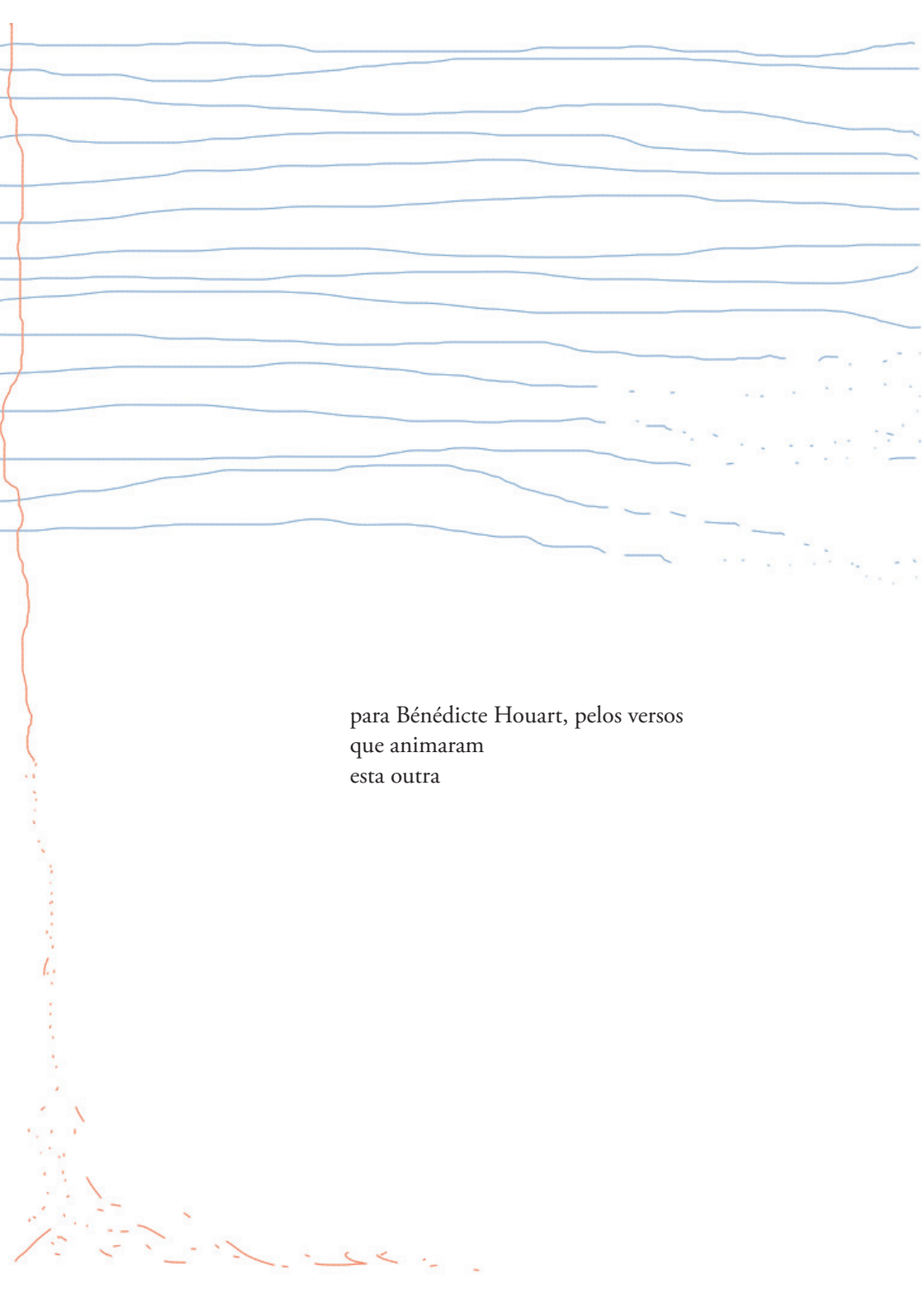
09-03718

CDD-869.91  
-----





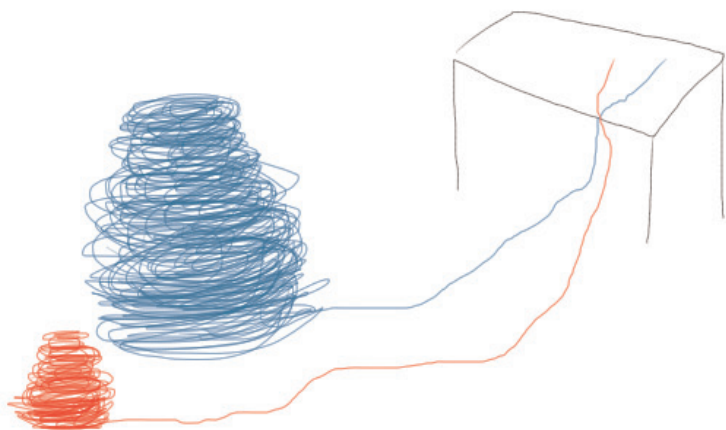
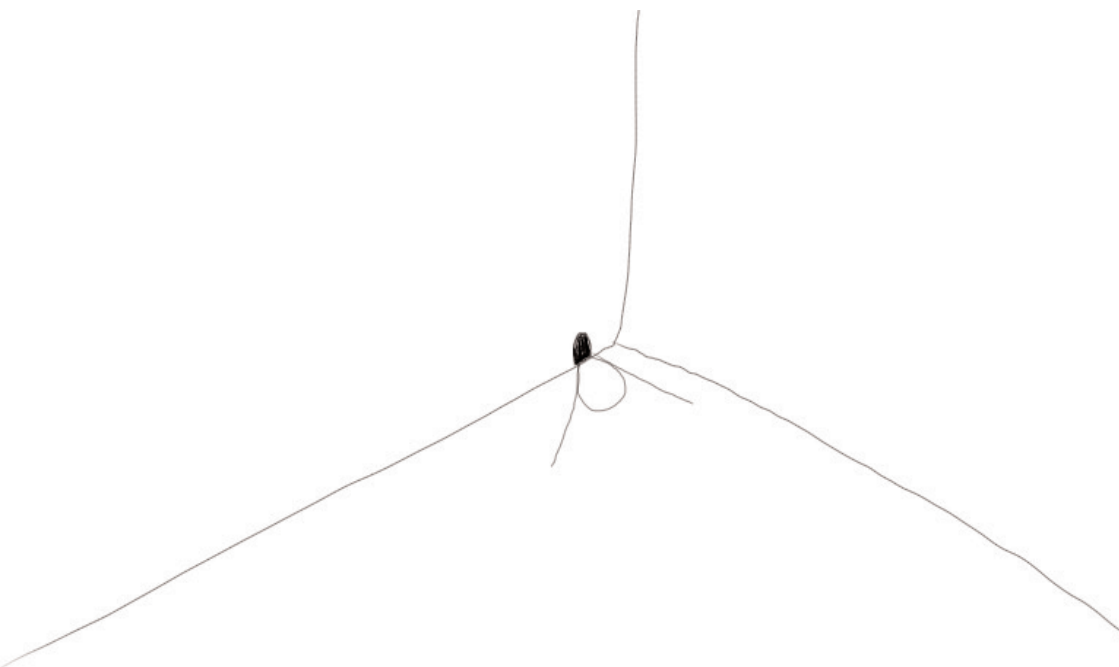


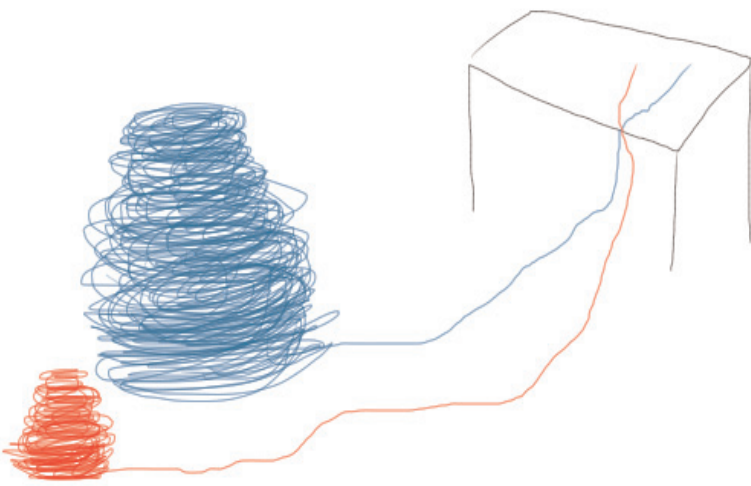
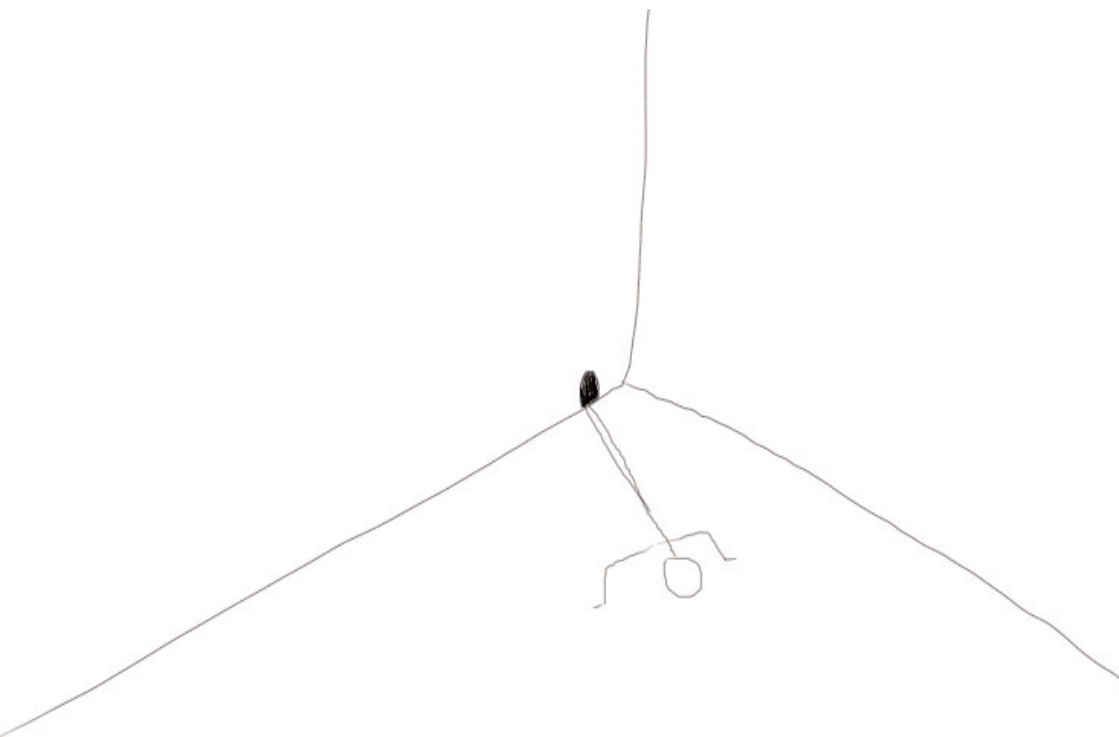
The image features a white background with abstract, hand-drawn elements. On the left side, there is a vertical orange line that transitions into a dotted orange line at the bottom. The top half of the page is filled with horizontal blue wavy lines. On the right side, there is a dotted blue pattern that tapers towards the bottom. In the center, there is a block of text in a serif font.

para Bénédicte Houart, pelos versos  
que animaram  
esta outra

quando Bénédicte  
trancou-se  
no porão  
da marmoraria  
ninguém soube  
o que dizer  
oh!

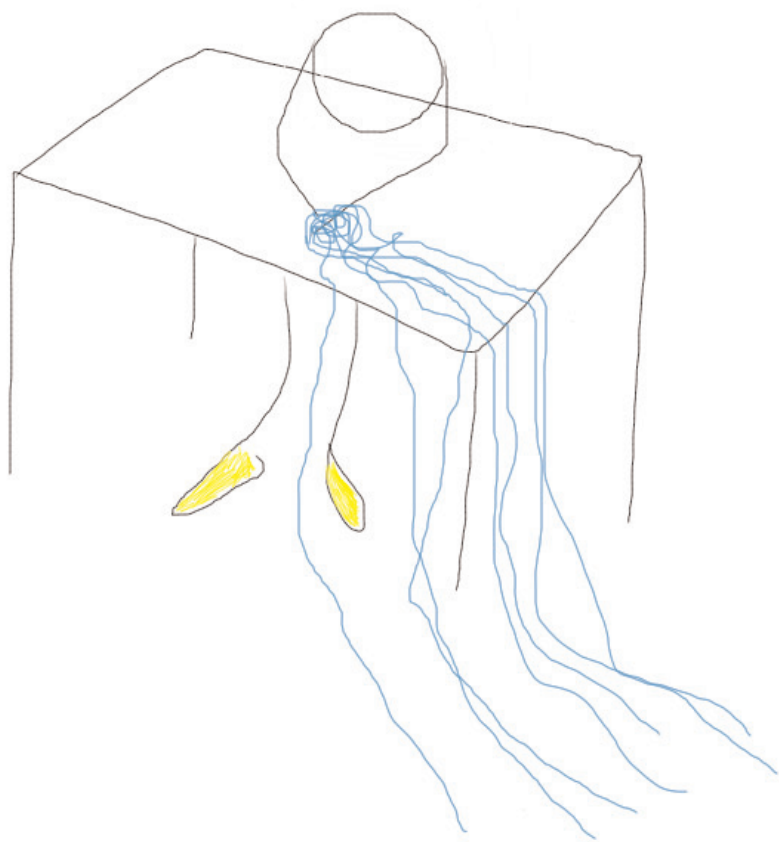
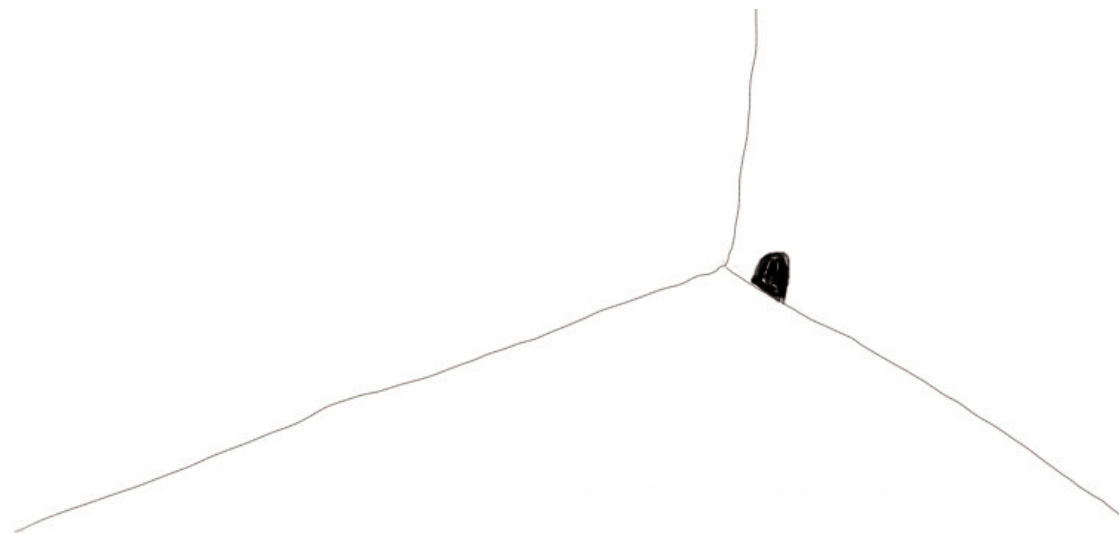






no porão os pensamentos de Bénédicte  
gangrenam  
não terminam  
nos  
dedos  
lentos  
são os dedos  
os pés  
são  
da cor  
amarela

o crânio é transparente  
se abirmos a barriga  
encontraremos  
farelo de  
benzodiazepina e  
nos olhos  
ninguém sabe  
(navegáveis de tão  
cegos  
— não biografáveis —  
mas biodegradáveis)



no porão da marmoraria mora um rato



da rua chega  
água encanada gás  
eletricidade  
a voz  
da estranha vendedora  
de churros  
a carrocinha marca o tempo  
um dia  
um conversível prateado  
atravessou de viés  
interrompeu o canto  
rodopiou  
levou as pernas  
e as novas havaianas  
da inominada figurante

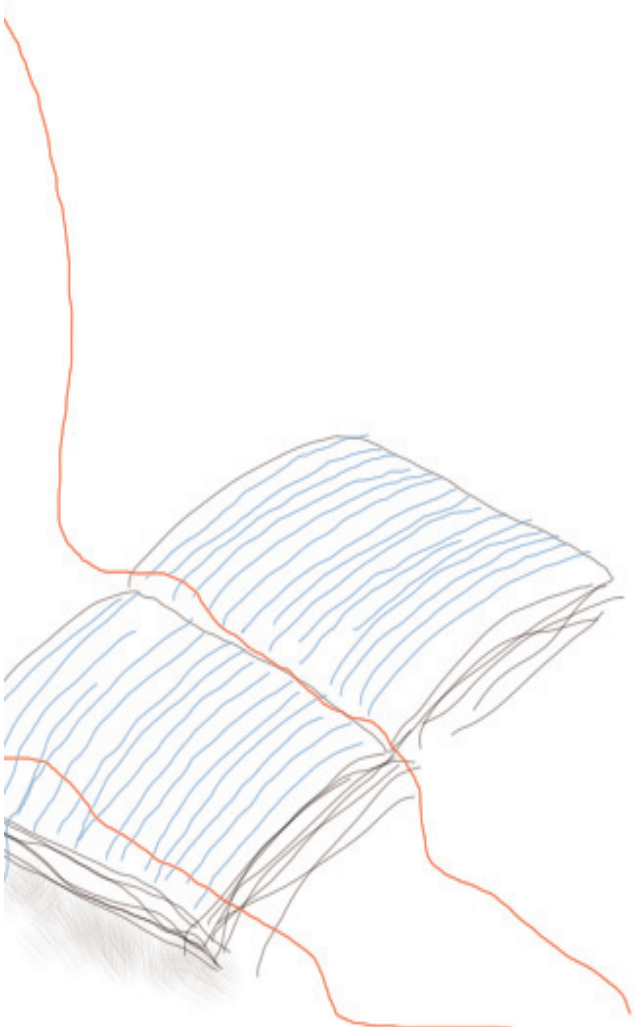
Bénédicte escutou tudo  
enquanto crianças se furavam  
com lapiseiras  
0.5  
no porão  
ao lado



aqui Bénédicte se prepara  
para começar







mas não  
ainda não



em um mundo cada vez menos explicável  
imaginar-se velha pode ser

*drôle*

mas B. preferirá

meninas cegas

com baionetas

leitoras sonsas

com

hematomas

perfeitas

para namorar (todas as

mentiras

que elas

contam)

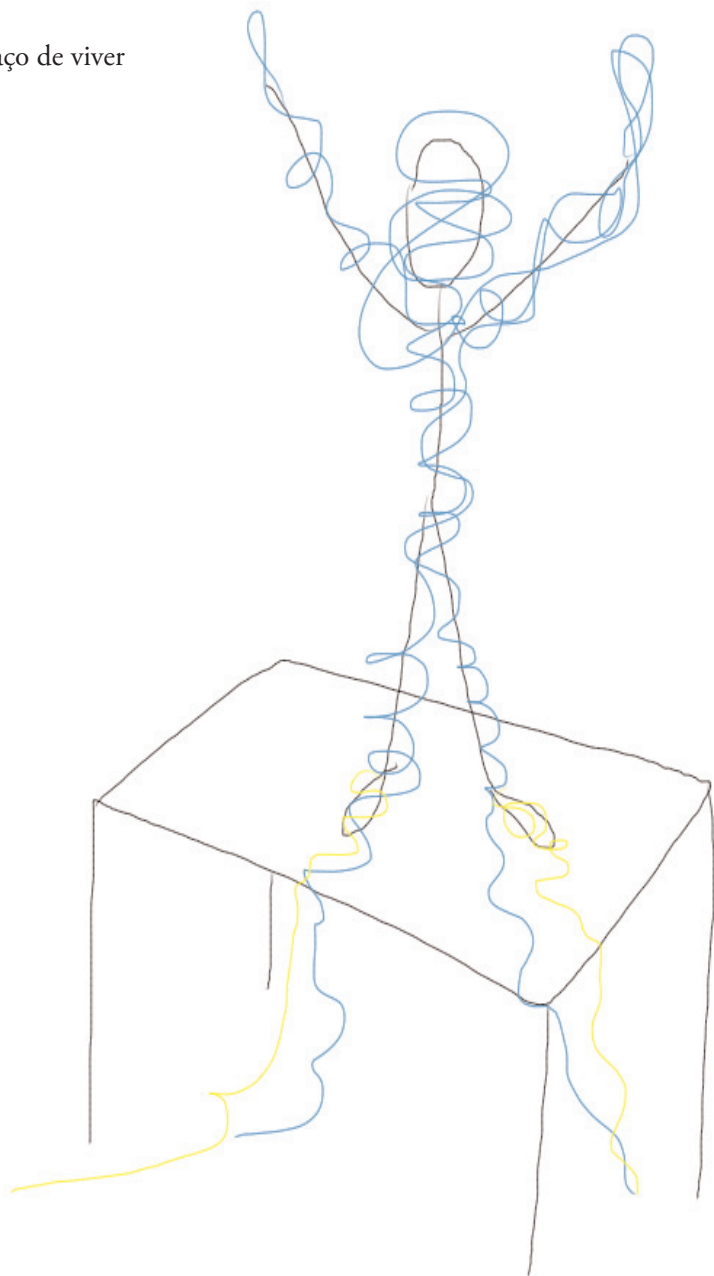
os últimos homens

de August

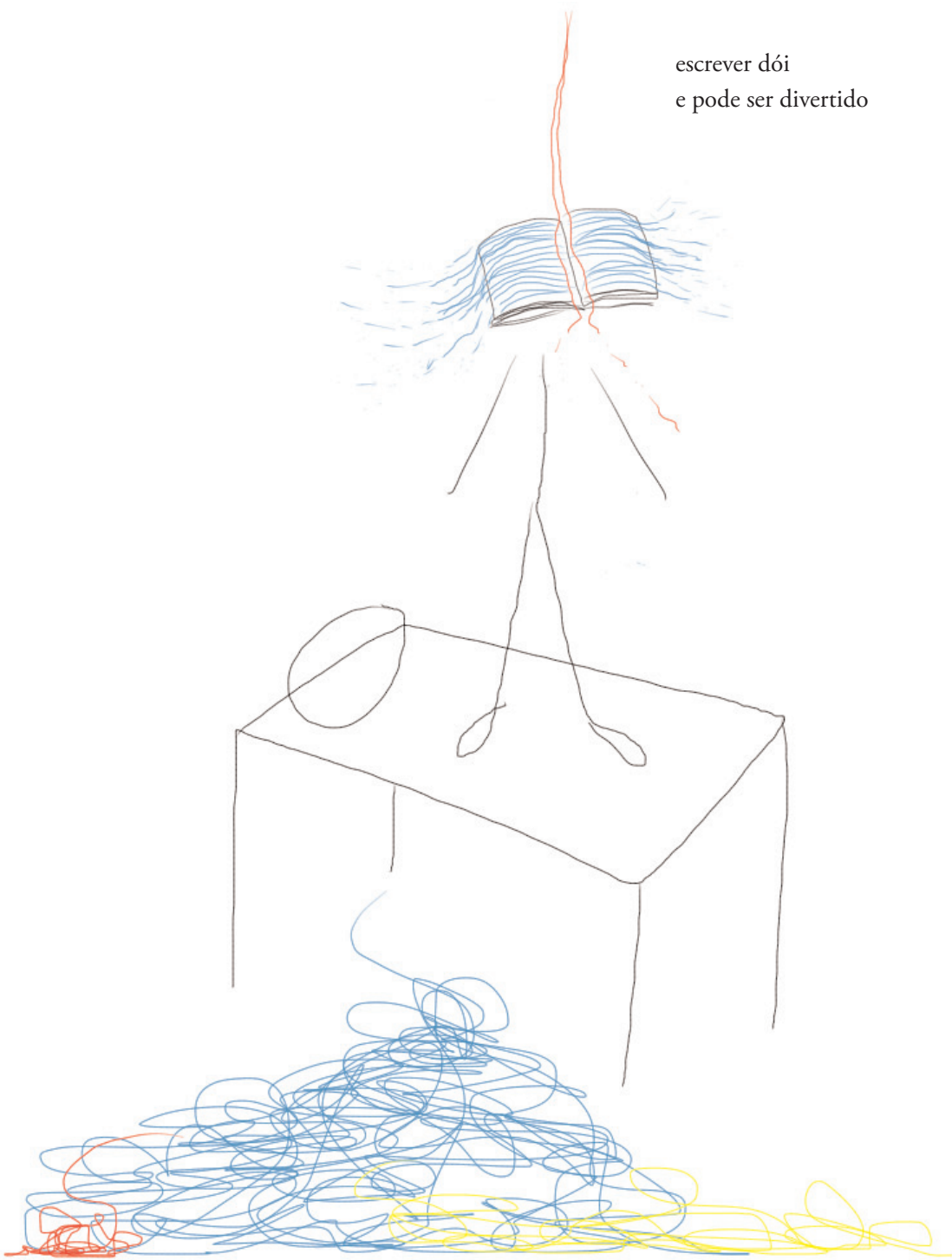
Sander

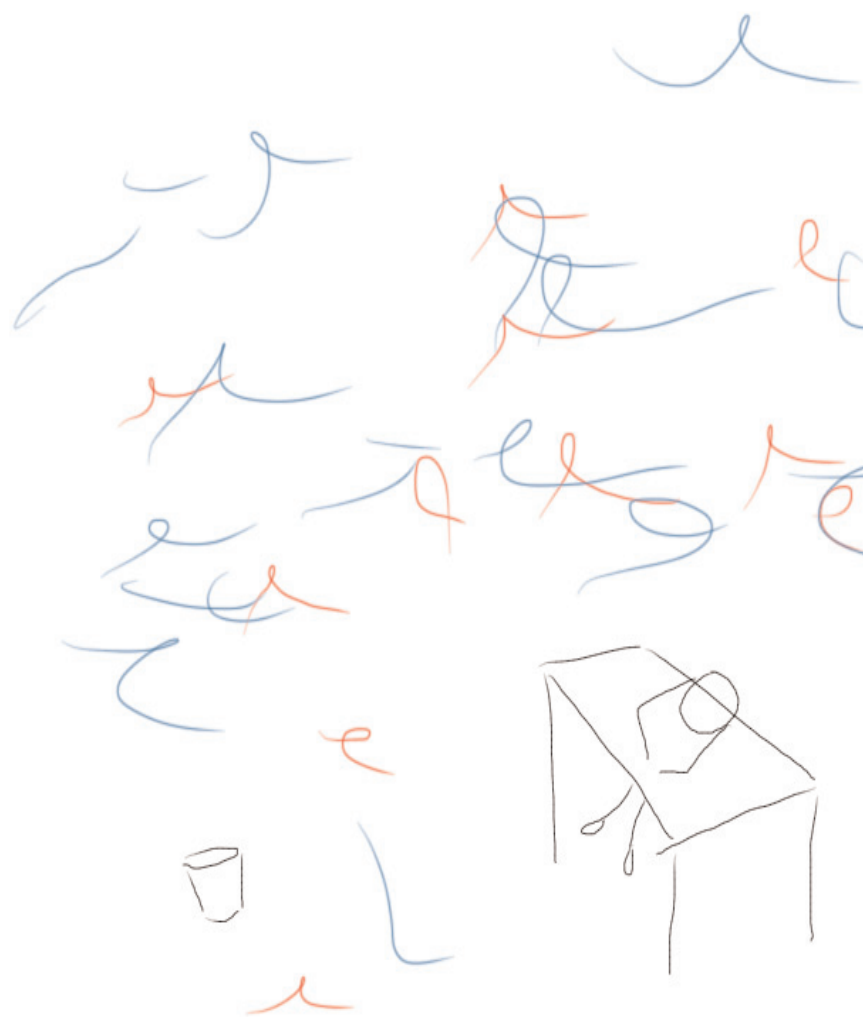


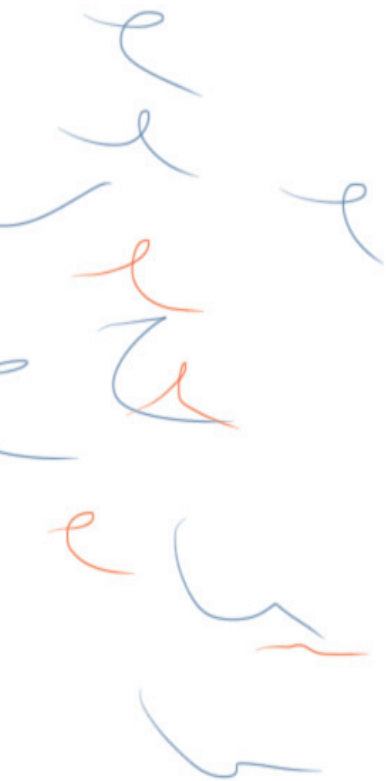
com o passar dos dias  
o silêncio  
o calor  
o embaraço de viver



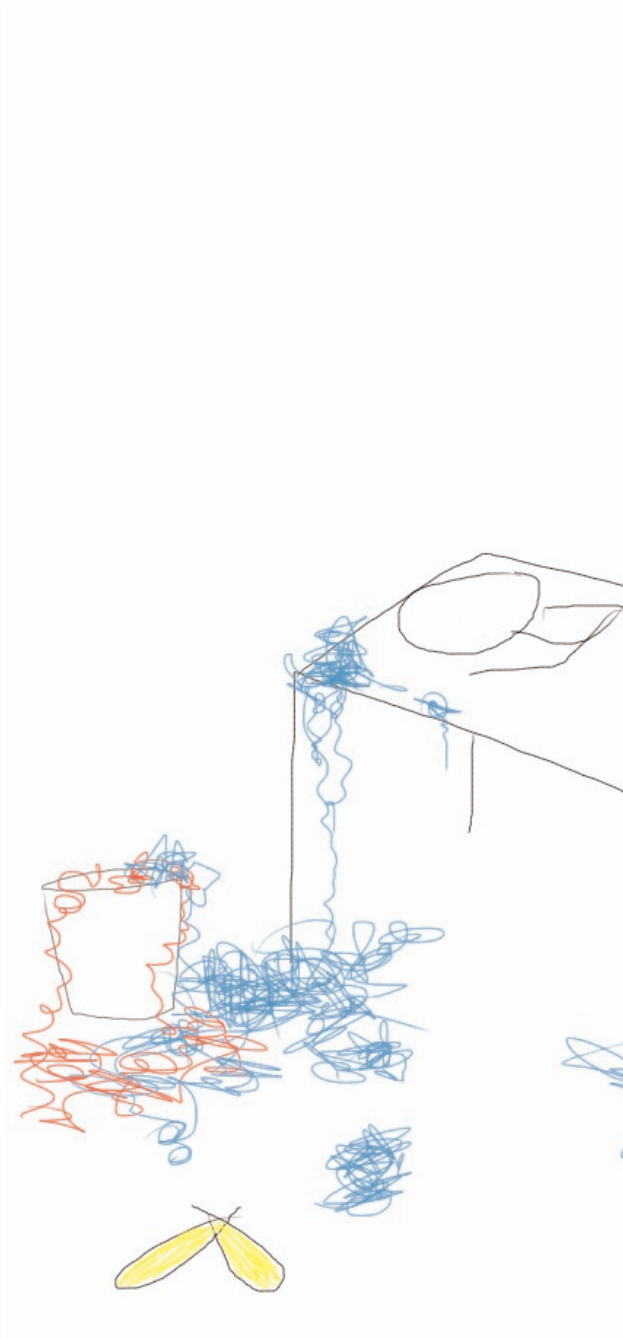
escrever dói  
e pode ser divertido







“o fim de uma peça  
não é o fim  
de um longo  
dia” depois  
das 16:30 B.  
(uma implosão  
repentina  
no lugar que seria o  
do coração) amassa os  
papéis de um torto  
drama  
acabou chorare  
ficou tudo lindo  
princípios estéticos tombam  
como  
lágrimas de um azul  
inceleste  
no leite gelado  
ninguém  
nasce dizendo  
“isso  
tem a ver com  
natureza  
humana”  
ou "inspiração  
se apresenta pra mim  
sob a forma de ansiedade"

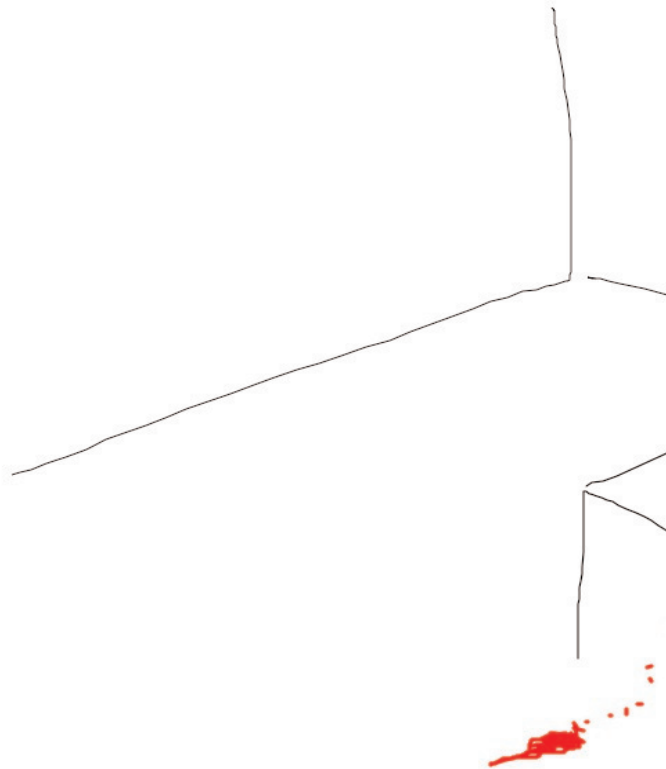




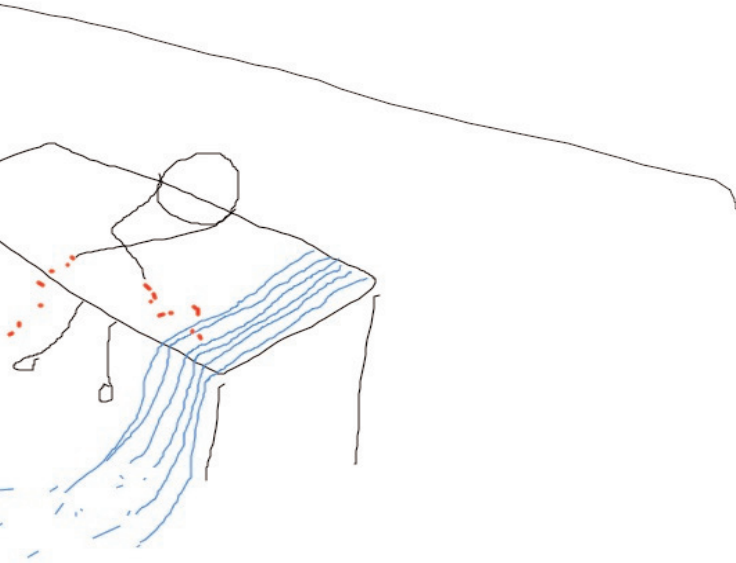
no porão da marmoraria  
Bénédicte recebe  
direitos de autor  
mas não tem  
direito de  
deitar  
no colchão  
de amar  
no chão  
de dormir  
coberta



a musa de Bénédicte  
não é A Grande Inquisidora De Uma Geração  
não é um cão  
nem um coelho  
mas também não é hierofania  
nem professora no Instituto Benjamenta  
(bem que gostaria)  
nem de Jacques Roubaud (bem que gostaria)  
nem de Aglaja Veteranyi (bem que poderia)  
nem de Draguta Momolescu (tk's tks tks)  
como as musas em geral  
esta em particular  
é perita em exegese  
com tendência  
ao brutalismo  
e superfaturação  
o que dá no mesmo  
o que dá na síndrome  
de Estocolmo  
o que dá na  
síndrome de Não Ver o Mar  
pena que não dê  
num poema do Elefante  
de Chico  
Alvim  
no suspiro  
de Ghérasim  
ou dos jogadores de sinuca  
do Largo do  
Machado

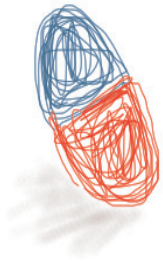


a musa de Bénédicte  
não é *amusante* nem *molto*  
*amabile* mas teria sido  
lindamente retratada  
por Linka  
Lebedeva  
na época de uma grande depressão



nem tudo está perdido

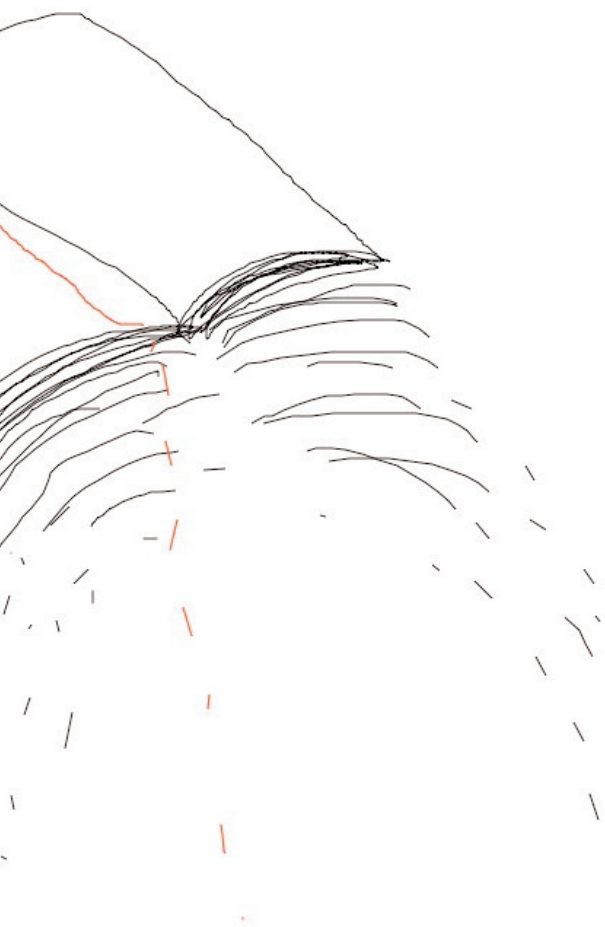




Ela não pensa em tomar vitaminas

ela gostaria de escrever assim

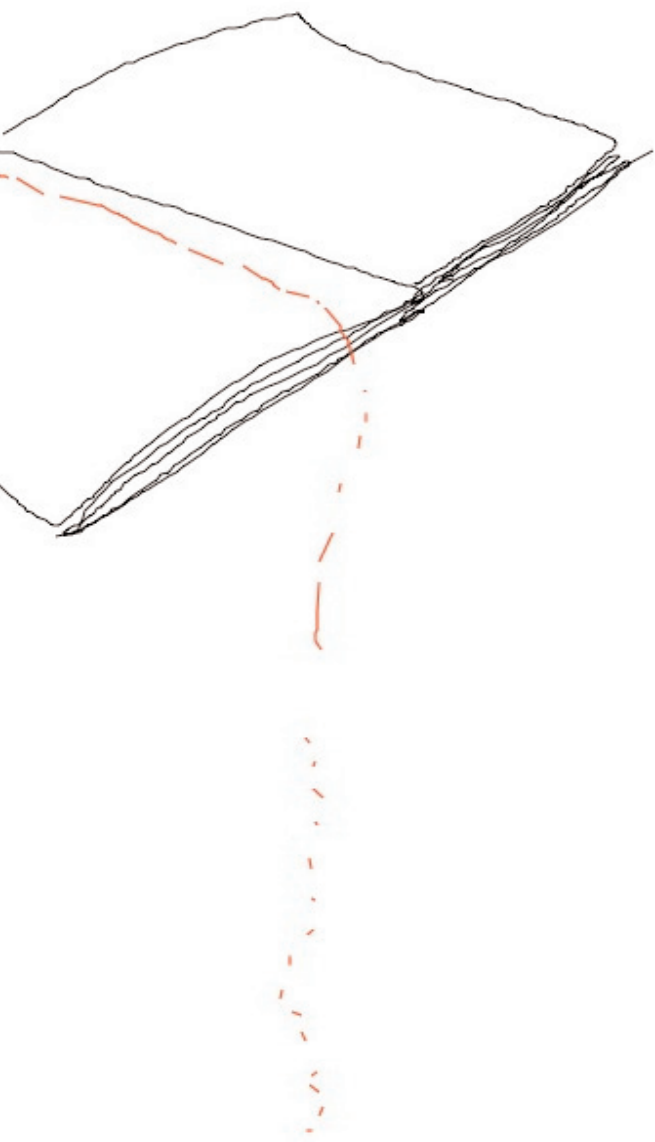




e assim

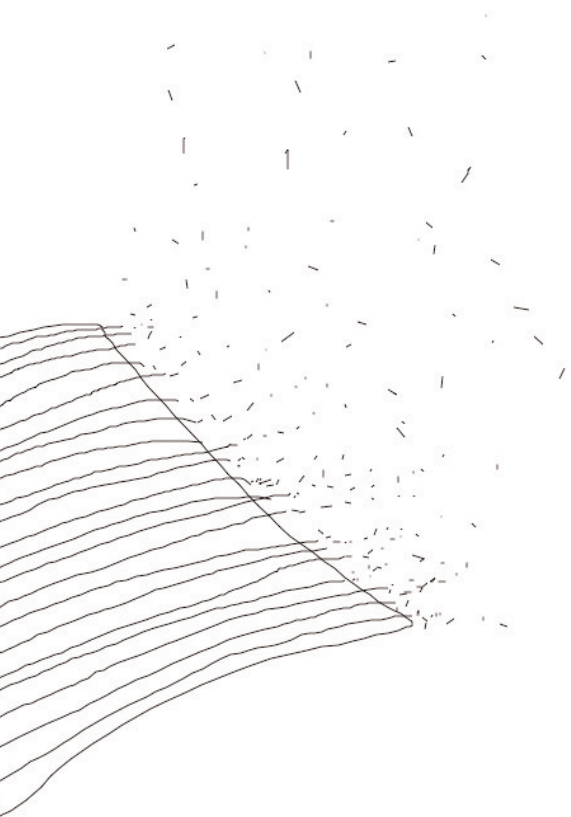




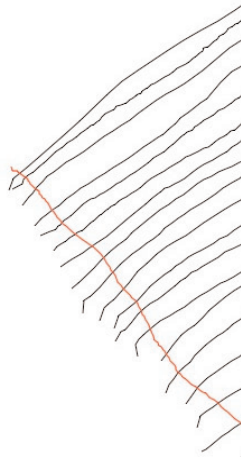


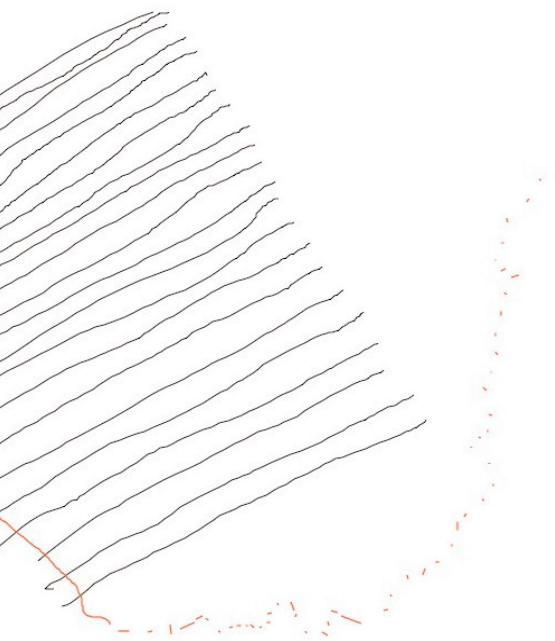
e assim



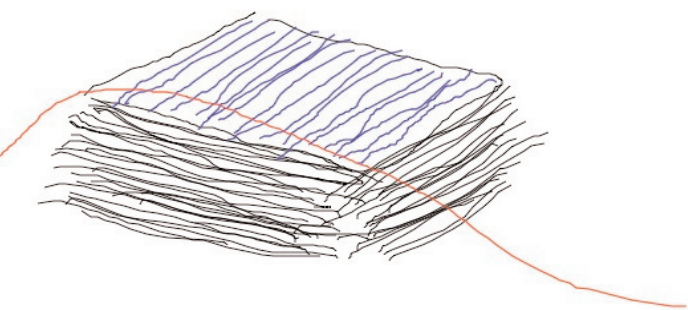


e assim



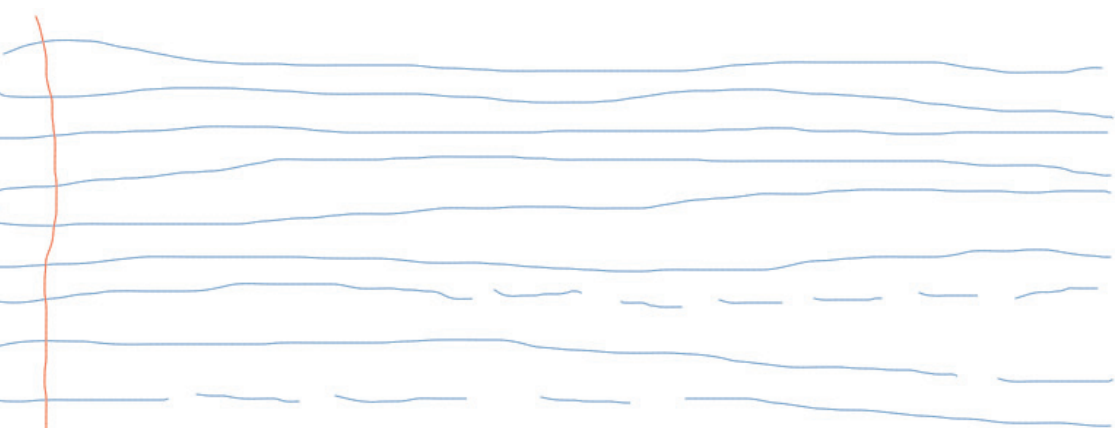






o prolongamento desse mesmo corpo  
para sempre  
ao som de Zarah  
Leander  
(impossível saber onde)



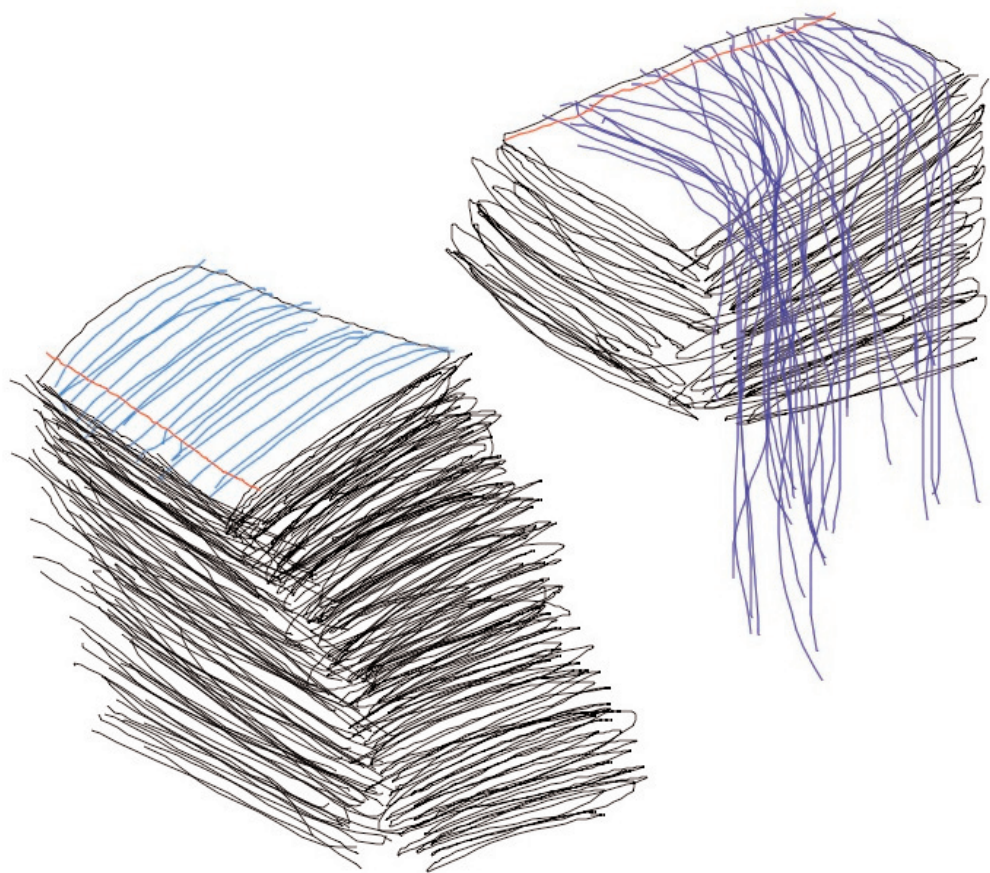


talvez escreva  
sobre um cineasta  
egípcio  
com problemas  
de ereção

o prolongamento desse mesmo corpo  
bebendo mojitos sujos ao som de Zarah Leander  
(impossível saber onde)







“não sou fonte de mel com própolis”

de repente a luz acaba

e o rato aparece

olá, meu lindo



olá, garota disjuntiva







O RATO: “preferia quando você escrevia sobre homens e cogumelos  
e no último parágrafo  
uma menina cega  
e sobre sua cabeça  
a lua  
que começava  
a aparecer  
e a menina percebia  
que  
uma época  
havia  
chegado  
ao fim”

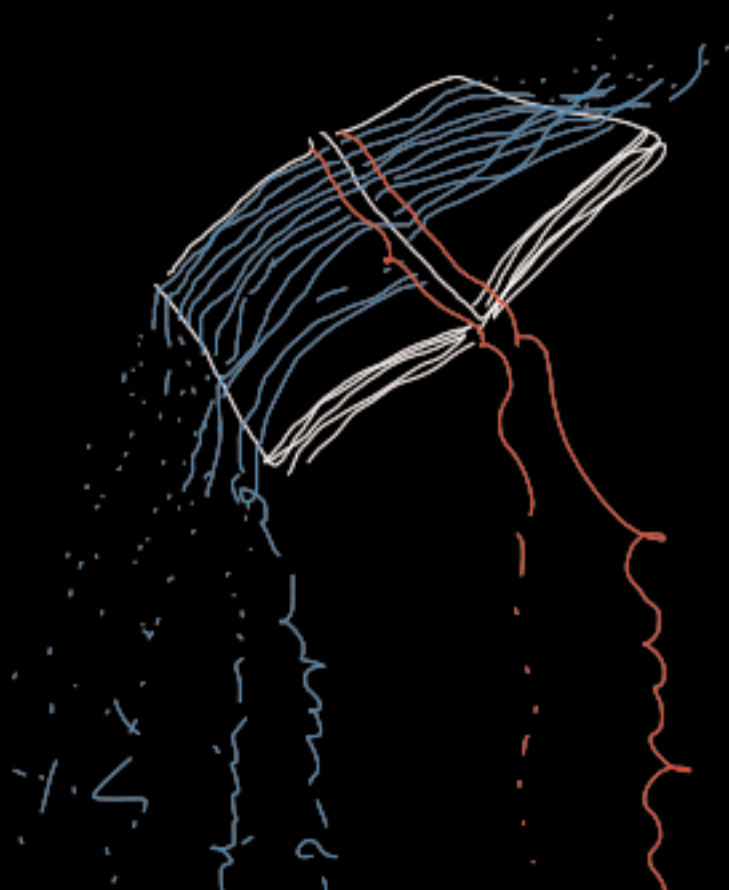
BÉNÉDICTE: “Eu preferia escrever sobre um rato entalado com um ossinho de frango”

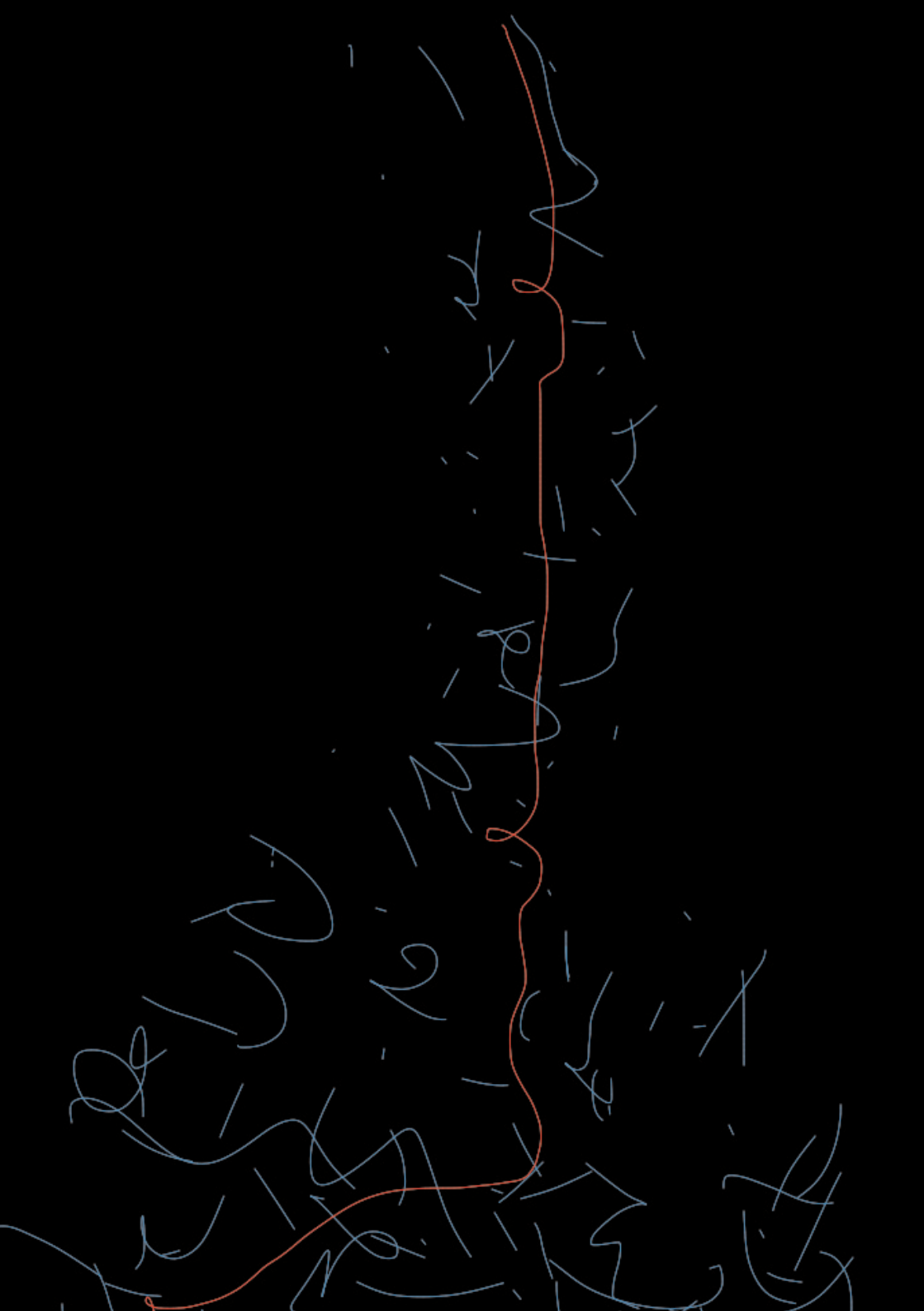
“cuidado com o intelecto,  
essa avalanche pode te arrastar”, diz o rato  
“vá ao dentista”, pensa Bénédicte  
“cuidado com o silêncio”, diz o rato  
"enfiarei sua cabeça na privada  
várias vezes seguidas", pensa Bénédicte



enquanto o rato rói  
Bénédicte adormece  
e sonha  
com luz  
hiperbórea  
na pista  
de dança  
(já nascemos com fios de orlon e  
couro vegetal  
já nascemos sem poder narrar  
tim-tim  
por tim-  
tim)

o rato some  
sem dizer adeus



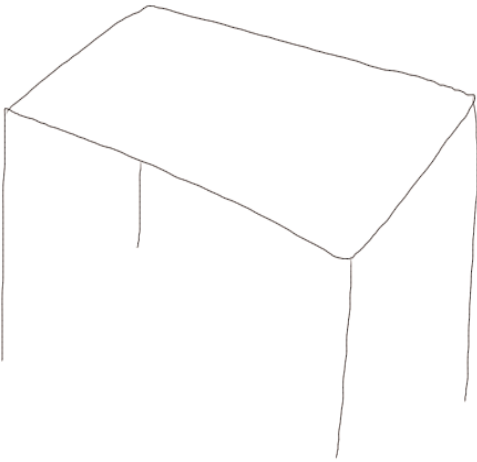




o rato  
era profundamente  
moderno  
abismado  
entre o  
controle  
e a desapareição inquietante  
de cada coisa

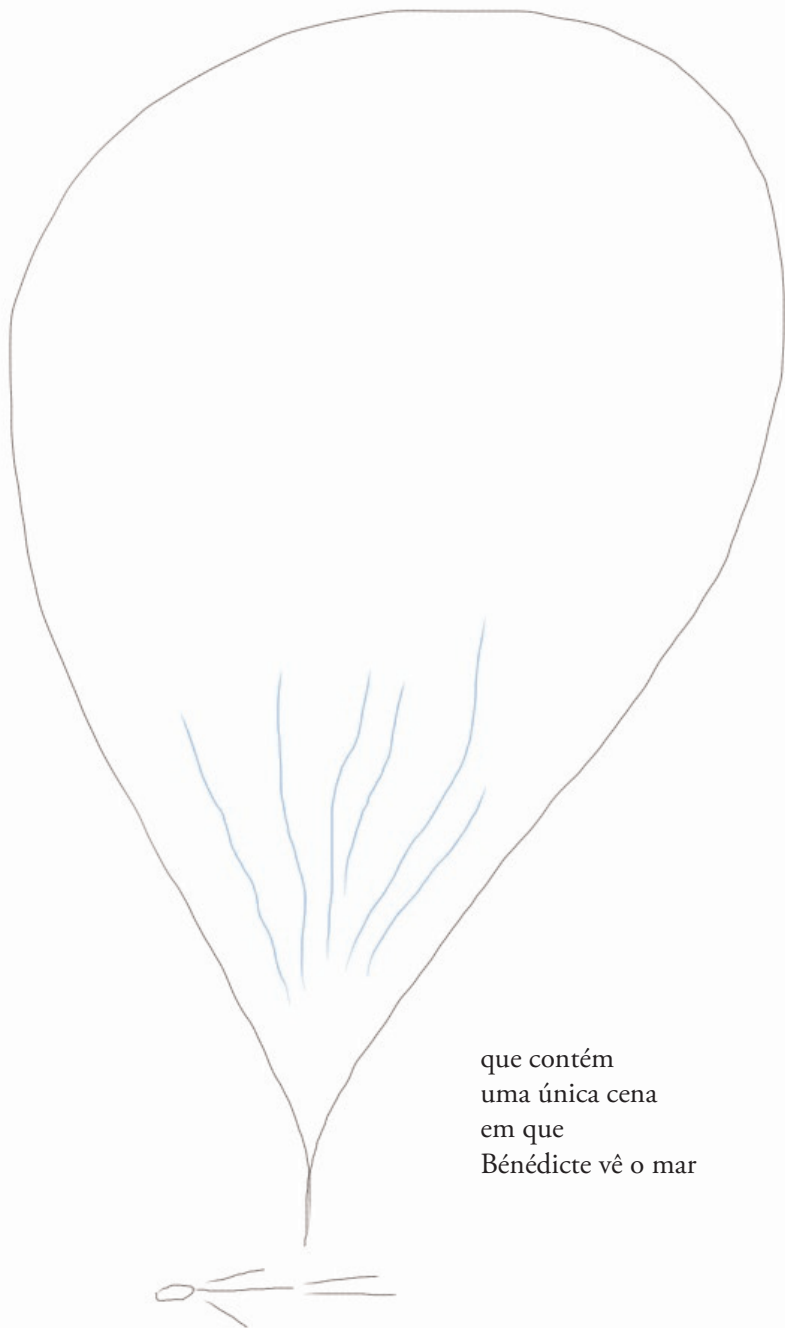
aconselhada por duas ou três amigas do bairro  
a viúva do dono da marmoraria mandou limpar aquele nojo  
instalou quatro minidicroicas  
no novo forro  
de gesso  
do teto

não há mais  
crueldade nem arroubo de musa  
o futuro é um tédio  
não há mais o verme sonolento o rato  
cartas do além lidas em longos  
banhos de banheira  
não há mais Bénédicte  
não há mais cadernos  
nem desenhos de cadernos  
nem desenhos de palito  
nem fios  
dentais  
não há mais nem a remota possibilidade  
de que um suspiro  
um verdadeiro suspiro  
de cansaço  
se choque  
contras as paredes  
do porão  
da nova loja  
de  
tecidos



de vez em quando alguém telefona  
e oferece portas  
com muitas saídas  
novas vitaminas  
um biscoito  
da sorte  
com um verso  
"deixem-me vomitar sobre mim"

os anos passam  
ela  
decide  
fazer alguma  
coisa  
um filme



que contém  
uma única cena  
em que  
Bénédicte vê o mar

editora da casa

ZAZIE   
EDICÕES

[www.zazie.com.br](http://www.zazie.com.br)

